

Reflexões e tendências

Precisamos escrever diferente

We must write differently

Marcelo Sanches Pagliarussi^a 

^a Universidade de São Paulo - Brasil

Copyright © 2022 FEA-RP/USP. Todos os direitos reservados

“Writing is hard work. A clear sentence is no accident. Very few sentences come out right the first time, or even the third time. Remember this in moments of despair: If you find that writing is hard, it's because it is hard.” (Zinsser, 2006 p. 12)

1 INTRODUÇÃO

Há algo que sempre ocorre quando tenho alguns dias livres para escrever. Pode ser aquela semana sem provas para corrigir, aulas para ministrar ou para assistir, sem reuniões, com a agenda realmente livre. Eu planejo avançar em um artigo que está parado há um tempo, ou terminar a seção teórica de outro artigo, ou quem sabe conseguir finalizar a seção de resultados e discussão de outro. Aí a semana chega. Na segunda-feira, ligo o computador e começo... a fazer tudo, menos escrever. Chega a hora do almoço e não escrevi uma linha sequer. Durante a tarde eu faço várias outras coisas não planejadas, resolvo alguns problemas que demandam minha atenção, e assim o dia se vai.

Na terça-feira, a situação não melhora muito. Por exemplo, posso passar praticamente a manhã toda organizando meu espaço de trabalho. Organizo os livros que estão espalhados, daí coloco em ordem as minhas pastas e arquivos no computador. No meio da tarde da terça-feira percebo que praticamente passaram dois dias em que fiz tudo, menos escrever. Quase no final da tarde eu começo de fato a escrever, e consigo concluir alguns parágrafos. Sinto que há um fluxo das palavras chegando, e me pergunto por que demorei tanto para começar. No final desse período livre, que deveria ser dedicado a escrever, eu até consigo avançar em alguns textos, mas sempre muito menos do que eu esperava.

Se você se identificou com as cenas que descrevi, provavelmente sabe que eu fiz uma representação até otimista da situação que praticamente todos nós enfrentamos quando vamos escrever. É comum precisarmos de alguns dias antes de realmente conseguirmos pegar o ritmo do texto. E, como eu, você já deve ter se incomodado com isso, já deve ter tido a sensação de que a falta de disciplina faz com que você não consiga uma produção textual no nível que você poderia alcançar, tanto em termos de quantidade como de qualidade.

De fato, podemos melhorar nossa disciplina para escrever. Porém, o que muitos não sabem é que existem cinco forças para escrever, sendo uma negativa e quatro positivas (Murray, 1978). A força negativa, como bem sabemos por experiência, é chamada de Lei do Adiamento, ou resistência a escrever, ou ainda, “tudo o que pode ser adiado, será” (Murray, 1978). É um paradoxo que intriga a muitos de nós que fazem da escrita parte das nossas vidas: temos uma necessidade de escrever, mas não queremos começar. O que é importante entender é que essa resistência não ocorre porque somos fundamentalmente preguiçosos. Em boa medida, esse adiamento é parte do processo de escrever (Murray, 1978), e é um aspecto negligenciado na nossa compreensão do processo de escrita.

Em relação às forças positivas para a escrita, creio que não é exagero afirmar que todos conhecemos uma delas tão intimamente quanto a lei do adiamento: é a aproximação da data de entrega (Murray, 1978). Entre

essas duas forças existem outras três que provavelmente são menos conhecidas e que, se corretamente manejadas, podem nos ajudar a escrever mais e melhor. Irei abordá-las neste ensaio. Além disso, discuto aqui outros aspectos que podem influenciar a qualidade da nossa produção textual, como o hábito de escrever, a atitude correta ao escrever um texto de não ficção, questões de estilo e voz própria, e o desenvolvimento da habilidade de revisar os nossos próprios textos. Há uma questão fundamental, entretanto, que precede os esforços para aumento da nossa produção textual. Ela se refere ao estilo dos nossos manuscritos. Escrevemos de um modo que contribui para o isolamento da academia em relação aos outros setores da sociedade. A próxima seção discute esse problema, que permeia a imensa maioria dos artigos na área de contabilidade e organizações.

2 PRECISAMOS ESCREVER DIFERENTE

Escrever é uma habilidade, não é um dom, pois ninguém nasce um grande escritor ou escritora (Sword, 2019). Habilidades são resultados da combinação entre conhecimento teórico e experiência, e assim é surpreendente o fato de praticamente não termos cursos de redação nos nossos programas de pós-graduação. Temos cursos de metodologia de pesquisa, mas não ensinamos nossos candidatos a mestre e doutor a escreverem, pois acreditamos que as pessoas aprenderão por tentativa e erro (Sword, 2019). E assim, completa a autora, levamos muito tempo para aprender a escrever tão mal como escrevemos.

O resultado é que, mesmo escrevendo cada vez mais, continuamos péssimos escritores (Badley, 2018). Certamente esse é um dos motivos para os nossos textos serem ignorados fora da academia. Surpreendentemente, na própria academia há estudos sugerindo que 50% dos artigos que publicamos não são lidos, e 90% deles não são citados (Marinetti, 2018).

É legítimo então perguntar, por que escrevemos? Badley (2018) responde que escrevemos porque nos é dito, nestes tempos neoliberais e neogerenciais, que precisamos escrever. Precisamos publicar para garantir recursos e reputação para nossas universidades, e precisamos obter reconhecimento do impacto da nossa produção, para nós mesmos e nossos departamentos (Badley, 2018). Os sistemas de avaliação, como a Capes por exemplo, cada vez mais implantam iniciativas voltadas ao aumento da produtividade e da *accountability* dos programas de pós-graduação, e assim há uma cobrança crescente para que docentes e discentes produzam resultados mensuráveis. Ou seja, escrevemos para bater metas, escrevemos assumindo que provavelmente ninguém vai ler mesmo. Não surpreende que escrevamos tão mal.

Badley (2020) é ainda mais contundente na sua análise de como os pesquisadores escrevem, especialmente nas áreas das ciências humanas e sociais. O autor sustenta que produzimos uma prosa túrgida, contaminada gratuitamente por jargões, em um estilo aparentemente erudito, mas que na verdade é pomposo e desnecessariamente complexo. Aparentemente, nós acreditamos que escrever de maneira tortuosa é um pré-requisito para o sucesso acadêmico, ou seja, ser publicado. Há uma percepção generalizada na academia que escrever de forma simples e clara é um sinal de inadequação, incapacidade e ausência de mérito (Billig, 2013). E assim forma-se um círculo vicioso no qual estudantes e pesquisadores iniciantes são incentivados a imitar o estilo de escrita acadêmica “podre” (Badley, 2020).

Uma das consequências mais danosas do nosso estilo de escrita acadêmica é o estabelecimento de barreiras a uma audiência mais ampla, o que por sua vez impede que sejamos capazes de estimular mudanças sociais a partir do nosso trabalho como pesquisadores (Badley, 2020). Retomo o ponto de que, fora da academia, nossa produção intelectual é praticamente ignorada. Há vários motivos para isso (ver Hermanson, 2015; Baldvinsdottir, Mitchell, e Nørreklit, 2010), mas a premissa central deste ensaio é que precisamos escrever melhor para aumentar a nossa capacidade de comunicar nossas ideias dentro e fora da academia. Precisamos escrever melhor, encontrar nosso estilo e nossa voz, e romper com a prática de produzir textos que parecem ter sido escritos por ninguém e para ninguém.

O primeiro passo para isso é mudar nossos hábitos e nossas atitudes em relação à escrita.

3 "AULAS DE ESCRITA" E A ATITUDE CORRETA PARA ESCREVER

Como sabemos pela nossa própria experiência, é muito comum que, mesmo querendo escrever, acabemos por adiar a atividade da escrita até o momento em que nos sentimos pressionados pela proximidade da data de entrega do texto. Como romper com esse padrão?

Uma das sugestões mais interessantes que encontrei para quem trabalha com escrita acadêmica é tratar a tarefa de escrever como um curso que nós precisamos ministrar, no caso dos professores, ou frequentar, no caso

dos alunos (Silvia, 2019). Normalmente, um curso de graduação ou pós-graduação ocupa entre quatro e seis horas por semana. Deste modo, Silvia (2019) recomenda que reservemos pelo menos de quatro a seis horas semanais na nossa agenda para escrever. Devemos encarar o compromisso de escrever rotineiramente como um curso que temos que ministrar, de modo que não temos a opção de faltar. É a nossa “aula de escrita”, e podemos dividi-la em duas ou três sessões de duas horas de duração, porém com horário fixo em dias pré-definidos da semana (Silvia, 2019). Podemos até mesmo reservar uma manhã inteira da semana e cumprirmos quatro horas de escrita. O importante é o hábito, a regularidade de escrever nos dias agendados todas as semanas (Silvia, 2019). É uma sugestão simples e diretamente relacionada à nossa prática acadêmica, seja como professores ou como alunos, por isso acredito muito no seu potencial.

Algo que pode ocorrer com quem realmente levar a sério a ideia de alocar janelas na agenda para as “aulas de escrita”, é a pessoa iniciar a sessão sem saber o que escrever. Mais uma vez Silvia (2019) oferece conselhos úteis para lidar com esse desafio, ao sugerir a elaboração de um inventário de projetos de escrita. O autor sugere que façamos uma lista de tudo o que gostaríamos de escrever nos próximos dois anos, sem pré-julgamentos. Tal lista pode incluir relatos de pesquisas empíricas, artigos de revisão sistemática da literatura, artigos teóricos, ensaios, capítulos de livros e livros.

Finalmente, Silvia (2019) recomenda que tenhamos metas para nossos dias de escrita. As metas devem ser concretas o suficiente para que possamos definir se as cumprimos ou não, tais como:

- Escrever pelo menos 200 palavras.
- Escrever os dois primeiros parágrafos da seção de discussão.
- Ler o rascunho enviado pelo nosso coautor, fazer modificações e devolver.
- Elaborar a estrutura esquemática do próximo artigo que iremos escrever.

Para destravarmos nosso potencial de produção textual, além da adoção de uma rotina de escrita, precisamos também da atitude correta. Uma postura muito comum em quem escreve não ficção é a pressão por saber tudo e ter a palavra final. Por mais que tenhamos a consciência de que nenhum artigo resolve completamente um problema ou finaliza uma discussão, é muito comum que, quando vamos escrever um artigo, sintamos uma obrigação angustiante de ter que demonstrar autoridade absoluta sobre o que estamos escrevendo. Isso pode nos forçar a gastar um tempo excessivo tentando mapear todos os artigos que já tenham sido publicados, a saber tudo o que já foi escrito, falado, argumentado, buscando o objetivo inalcançável de ter 100% de segurança sobre o que vamos escrever. Não há espaço para a dúvida, para a especulação, para o questionamento. Precisamos de certezas.

Zinsser (2006) chama essa atitude de *definitiveness complex*, a obrigação de ter a última palavra, e ressalta que é algo que aflige a maioria dos escritores de não ficção. Mas o autor nos lembra que aquilo que pensamos ser definitivo hoje, ao escrever, deixará de sê-lo amanhã. Assim, o escritor que perseguir esse objetivo de saber tudo sobre um determinado assunto antes de escrever estará fadado a nunca começar a escrever. É uma postura que nos enrijece, nos pressiona desnecessariamente, faz com que fiquemos inseguros e não ousemos explorar o tema.

Para mudar essa atitude, precisamos aceitar que nenhum texto será a palavra final sobre qualquer assunto, e cada artigo que escrevemos é uma contribuição a uma conversa em andamento entre profissionais (Murray, 1986). Nossa produção escrita irá se desenvolver quando aceitarmos que tudo o que podemos fazer é especular, questionar, argumentar, sugerir modelos, assumir uma posição, definir um problema, fazer observações, e propor soluções, de modo a participar de uma conversa por escrito com nossos pares (Murray, 1986).

Um modo de atenuar a pressão por escrever de forma definitiva é delimitar suficientemente o tópico sobre o qual iremos escrever, e assim poderemos nos esforçar para cobrir o assunto o melhor que pudermos (Zinsser, 2006). O autor reforça que, ao estabelecer limites apropriados para o assunto do nosso texto, fica mais fácil manter altos níveis de energia e motivação para escrever, e muito provavelmente iremos descobrir, ao final do processo, que conseguimos dizer tudo o que queríamos.

Ainda assim, vale ressaltar que podemos nos permitir saber “alguma coisa” sem precisarmos afirmar que sabemos tudo, e que ter um conhecimento parcial, local e histórico ainda assim é conhecer (Richardson & St. Pierre, 2017). Com tal atitude, podemos nos arriscar a escrever com mais antecedência, podemos começar a escrever para descobrir, escrever para investigar (Murray, 1986; Richardson & St. Pierre, 2017). Deste modo, escrever deixa de ser uma atividade que nos assusta e passar a ser atrativa, pois podemos escrever para descobrir o que temos a dizer, e assim acabamos por escrever mais do que intencionávamos, conseguimos chegar mais longe (Murray, 1986). O autor defende ainda que devemos escrever com rapidez e intensidade, de modo que sejamos impulsionados a possibilidades inesperadas. Depois, durante a revisão, aprendemos a partir do que escrevemos, e assim nos tornamos estudantes dos nossos próprios textos (Murray, 1986).

Acredito fortemente no potencial libertador da atitude de abandonar a obrigação de ter a palavra final, e de precisar saber tudo antes de escrever. Faço um convite ao leitor e à leitora deste texto: vamos explorar os nossos saberes, vamos descobrir o que temos a dizer.

4 FORÇAS PARA ESCREVER

O conhecimento a respeito das forças para escrever também pode nos ajudar a ser mais produtivos. Conforme já mencionei, a força que se opõe a escrever é chamada por Murray (1978) de Lei do Adiamento. Ou, nas palavras de Zinsser (2006), um escritor fará qualquer coisa para evitar o ato de escrever. Mais uma vez, quero enfatizar que isso não se dá puramente porque somos procrastinadores natos. Escrever é difícil, não há nada errado em admitir isso para nós mesmos. E o medo de escrever é inculcado em nós desde muito jovens, e provavelmente nunca iremos nos livrar dele (Zinsser, 2006).

Assim, podemos assumir que, quando concebemos um esboço para um novo texto, ocorrerá um natural e necessário intervalo entre o impulso inicial de escrever e o ato em si. Murray (1978), por exemplo, descreve que quando ele tem uma ideia para um poema, um artigo, um conto ou mesmo uma palestra, ele sente que busca conscientemente a procrastinação e o adiamento. O autor explica que é necessário nutrir a ideia antes de começar a escrever.

Porém, em algum momento precisamos começar a escrever. Precisamos colocar no papel aquilo que está sendo nutrido com tanta energia em nossa mente. Mas como saber quando a ideia está gestada o suficiente, quando ela está pronta para ser confrontada com o papel? Como evitar a verdadeira procrastinação e fazer com que a escrita ocorra? Em parte, é uma questão de atitude. Temos que mudar a chave, pois ninguém fará isso por nós (Zinsser, 2006). Mas o conhecimento das outras forças para escrever também pode nos ajudar a sair da cilada que somos especialistas em montar para nós mesmos: adiar indefinidamente o ato de escrever por achar que ainda não estamos prontos.

Uma das forças que nos impulsiona a escrever é a aproximação da data de entrega (Murray, 1978), seja de um trabalho para uma disciplina, a data de depósito do projeto de dissertação/tese, ou da própria dissertação ou tese. Entretanto, apesar de ser uma força positiva para escrever, ela também adiciona níveis de estresse e preocupação que provavelmente dificultam o processo. Além disso, se estamos próximos da data de entrega de um texto, é mais difícil revisá-lo com calma e atenção. Para sairmos do padrão de escrever apenas sob a pressão da data de entrega, podemos usar a nosso favor as outras três forças positivas para escrever.

Um dos impulsos para escrever é a quantidade de informação que adquirimos a respeito do assunto do nosso texto (Murray, 1978). A partir do momento em que decidimos escrever sobre algo, nossa atenção se volta ao tema, e nos tornamos magnetos de detalhes específicos, fatos, descrições, estatísticas, ideias conectadas e referências (Murray, 1978). Segundo o autor, esse estoque de informação nos pressiona em direção ao primeiro rascunho do texto. Interessante observar a conexão entre essa força e o *definitiveness complex* mencionado anteriormente. Por um lado, temos que aceitar que nossos textos são especulativos, tentativos, e apresentam afirmações provisoriamente válidas. Por outro lado, ao nos encharcarmos de informação sobre o assunto que queremos escrever, iremos naturalmente ser impelidos a escrever. Esta segunda força positiva para escrever, o aumento da informação a respeito do assunto, se combina com a próxima, que é o interesse crescente pelo tema do nosso texto.

Quanto mais sabemos a respeito de um assunto, mais nos importamos com ele, e passamos a querer organizar e compartilhar nosso conhecimento com outras pessoas, de modo que o interesse inicial, que é relativamente vago no início, pode tornar-se uma obsessão até que seja comunicado (Murray, 1978). Finalmente, essas duas forças se combinam e potencializam a próxima força positiva para escrever, que é a consciência de que há uma audiência aguardando pelo texto (Murray, 1978). O autor explica que, conforme tornamo-nos cada vez mais conscientes de que existem leitores em potencial que gostariam e/ou precisam saber o que temos a dizer, nos sentimos compelidos a escrever.

A reflexão sobre as forças para escrever revela que o manejo consciente delas pode nos ajudar a não oscilar entre os extremos, que é procrastinar até termos que escrever sob a pressão do prazo de entrega. Se, a partir do momento que resolvemos escrever sobre um assunto, formos capazes de aumentar a intensidade das três forças apresentadas por Murray (1978), haverá um aumento natural da pressão para escrever, para colocar para fora, para compartilhar o conhecimento construído.

Agora que sabemos como manejar algumas das circunstâncias mais importantes que envolvem a escrita, estamos prontos para aumentar a nossa produção textual. Podemos então nos concentrar na qualidade da nossa

redação, que é o tema da próxima seção.

5 ESTILO E VOZ PRÓPRIA

Se abirmos um artigo qualquer de um periódico da área de contabilidade e organizações, que estilo de texto iremos encontrar? Muito provavelmente uma prosa indigesta, impessoal, abstrata e cheia de jargões, do mesmo modo como ocorre em outras áreas, como na educação (Sword, 2012). É forçoso reconhecer que somos péssimos escritores.

Silvia (2019) argumenta que a ignorância é uma das razões pelas quais nossos textos são tão indigestos para o leitor. O autor destaca que nós não somos ensinados a escrever nos cursos de pós-graduação, que sempre têm espaço para um curso sobre tópicos obscuros de interesse dos professores, mas raramente oferecem cursos voltados para a escrita.

Outra razão provável para a baixa qualidade dos nossos textos é a vaidade (Silvia, 2019). O autor sugere que escritores acadêmicos querem parecer inteligentes, e traz um aforisma alemão para ilustrar: se a água é escura, o lago deve ser fundo. Assim, ao invés de usar palavras simples, optamos por escrever algo como corpos de água caracterizados por mínima transparência têm maior probabilidade de serem caracterizados por valores mais elevados na dimensão profundidade (valor- $p = 0,032$) (Silvia, 2019).

O resultado é que o nosso estilo padrão de escrita acadêmica faz com que os leitores, incluindo nossos colegas acadêmicos, sofrem para entender o que nós escrevemos. Badley (2019) reforça um ponto que não deveria ser necessário lembrar: textos acadêmicos são tentativas feitas por seres humanos para transmitir ideias de maneira clara a outros seres humanos. E nós falhamos miseravelmente nessa missão, porque nossa escrita acadêmica tornou-se uma visão a partir de lugar nenhum, o ponto de vista de ninguém em particular, como se fosse um texto em que o autor desapareceu (Badley, 2019). Precisamos empreender uma nova forma de escrever, uma escrita pós-acadêmica (Badley, 2016). É acadêmica pois aborda com seriedade um tema de interesse de uma comunidade discursiva específica, mas também é acessível, porque pode ser lida e compreendida por pessoas de outras comunidades mais amplas (Badley, 2016). Falando diretamente: a escrita pós-acadêmica é uma escrita humana para leitores humanos (Badley, 2019). E, se vamos escrever como seres humanos, é inevitável que escrevamos como os seres humanos que somos, individualmente únicos. Ou seja, temos que colocar a nossa humanidade no texto, o que implica que temos que escrever autenticamente, com o nosso estilo próprio.

É irônico que, se levamos tanto tempo para aprender como escrever tão mal como escrevemos (Sword, 2019), agora precisamos aprender a escrever de forma humana e, provavelmente o mais desafiador de tudo, escrever com estilo. Porém, estilo não é algo que pode ser adquirido, porque é intrinsecamente ligado a quem escreve (Zinsser, 2006). Temos que descobrir nossa própria forma de adicionar humanidade aos nossos textos, e não simplesmente tentar escrever de forma estilosa, porque perderíamos a naturalidade, perderíamos o que nos torna verdadeiramente únicos enquanto escritores (Zinsser, 2006). O autor nos lembra que o leitor percebe rapidamente quando o estilo de um texto soa forçado e não genuíno, e recomenda: seja você mesmo. Para isso, precisamos entender quais são as características que tornam um texto humano, com estilo próprio e ao mesmo tempo agradável de ler.

Sword (2009) investigou as percepções de pesquisadores da área de educação a respeito do que torna uma prosa mais agradável, convidativa, prazerosa, e até mesmo elegante. A autora argumenta que, apesar de esses objetivos serem abstratos, eles podem ser perseguidos por meio da aplicação de princípios e técnicas bem concretos, específicos e replicáveis. Esses princípios e técnicas foram formulados a partir de uma pesquisa com mais de 70 acadêmicos de diferentes áreas, assim como a consulta a manuais de estilo, e uma análise textual de livros e artigos escritos por 10 escritores acadêmicos amplamente reconhecidos pelos pares pelo seu estilo de redação. A seguir, vou apresentar uma síntese das características, mapeadas por Sword (2009, 2012), que compõem um texto bem escrito, estiloso, original, elegante, imaginativo e criativo.

Escrita acadêmica com estilo, elegância, imaginação e criatividade? Isso parece tão pouco científico! Porém, além dos motivos anteriormente citados para a predominância do estilo “podre” de escrita acadêmica (ignorância, vaidade, falta de treinamento e imitação), Sword (2009) acredita que autores acadêmicos supõem que precisam escrever na forma acadêmica padrão, sem estilo, porque os editores e avaliadores de periódicos não aceitarão nada diferente. Entretanto, muitos editores querem que os artigos publicados alcancem leitores além das fronteiras acadêmicas, e se entusiasma com relatos de pesquisas desenvolvidas com rigor, porém comunicadas de forma acessível, especialmente porque tais pesquisas têm o potencial de engajar mesmo os leitores que não são especialistas no assunto (Sword, 2009). A autora defende que o status quo só vai começar a ser modificado quando mais e mais acadêmicos ousarem escrever de forma diferente, substituindo o estilo impessoal dos relatórios de

pesquisa por outro mais narrativo, mais parecido com uma história sendo contada.

Vamos então às sugestões que podem ser úteis para que escrevamos de forma mais natural, mais humana e agradável.

5.1 Títulos e subtítulos interessantes e que capturem a atenção

Vamos tomar como exemplo dois títulos de artigos recentemente publicados em um periódico de contabilidade:

Into the woods of corporate fairytales and environmental reporting.

Product market competition, disclosure framing, and casting in earnings conference calls.

Qual parece mais intrigante e convidativo à leitura?

Sword (2009) argumenta que títulos que passam a sensação de que o artigo irá contar uma história têm maior potencial de capturar a atenção do leitor. São títulos que não apenas sugerem a presença de um enredo, mas também de personagens ou objetos concretos (Sword, 2009). Além disso, a composição de títulos e subtítulos permite a articulação do subtexto que os envolvem, ou seja, a mensagem que fica nas entrelinhas. Por exemplo, a escolha de um título sério, funcional e com emprego cuidadoso de terminologia especializada, como é o caso do segundo exemplo, passa ao leitor a mensagem de que “você pode confiar nos meus resultados, pois minha pesquisa foi realizada de acordo com os mais altos padrões científicos” (Sword, 2012). Por outro lado, também passa a mensagem de que o texto será informativo e lúcido, e provavelmente tedioso. Assim, a escolha cuidadosa do título de um artigo pode passar diferentes mensagens, tais como (Sword, 2012):

- “Você terá que se esforçar para entender o que escrevi”, no caso de um título cheio de termos técnicos.
- “Eu quero entretê-lo”, no caso de um título bem-humorado.
- “Eu quero fazer você pensar”, no caso de um título provocativo.

Claro, cada escolha tem benefícios e riscos, pois o mesmo subtexto que atrai um leitor pode afastar outros (Sword, 2012). A autora também destaca que candidatos a mestre e a doutor tendem a escolher o título da sua dissertação ou tese pensando exclusivamente em satisfazer a um grupo muito restrito de leitores: a banca. E assim, optam por títulos que buscam transmitir, nas entrelinhas a seguinte mensagem: “Eu sou um de vocês agora. Eu sei as regras do jogo, por favor me aceitem na sua irmandade acadêmica” (Sword, 2012). Apesar de ser compreensível a opção por títulos mais conservadores, se quisermos que nossos trabalhos alcancem audiências mais amplas do que uma pequena parcela da academia, precisamos escolher conscientemente as mensagens de subtexto que queremos transmitir com os títulos dos nossos artigos, livros e palestras (Sword, 2012).

5.2 Parágrafos de abertura atraentes

Se a introdução é provavelmente a seção mais importante de um artigo (de Villiers & Dumay, 2014), a primeira sentença é a mais importante de todas, porque se ela não induzir o leitor a continuar a leitura, o artigo está morto (Zinsser, 2006). Obviamente, a segunda sentença deve motivar o leitor a prosseguir para a terceira, e assim sucessivamente, até que, sem perceber, o leitor foi capturado pelo texto, e o escritor conseguiu construir o que, em linguagem jornalística, é chamado de lide (Zinsser, 2006). O autor destaca que esse primeiro parágrafo deve fisgar a atenção do leitor ou leitora imediatamente, e forçá-lo ou forçá-la a continuar a leitura; deve estimular pelo frescor, pela novidade, pelo paradoxo, humor ou surpresa; pela apresentação de uma ideia não usual, um fato ou pergunta interessante. E assim, os leitores ficarão ansiosos para descobrir o que há no restante do texto. O texto deverá então ser construído de forma que cada parágrafo amplifique o antecedente, aprofundando o raciocínio, trazendo mais detalhes e entretendo ainda mais o leitor (Zinsser, 2006). Neste processo, o escritor deve dar atenção especial à última sentença de cada parágrafo, pois ela funciona como o trampolim para o próximo parágrafo (Zinsser, 2006).

Assim, textos acadêmicos exemplares em termos de estilo apresentam parágrafos de abertura que narram uma história interessante, fazem perguntas desafiadoras, dissecam um problema ou, de alguma outra forma, capturam e prendem o leitor (Sword, 2009). A seguir, apresento a seguir três exemplos de parágrafos iniciais que mostram a capacidade que seus autores têm em capturar a atenção do leitor:

Are we academic writers really that bad? Do we really stink (see Pinker, 2014)? And if we do, why do we bother to write at all? Also, if we still want to write, then how could we make our writing less awful? (Badley, 2020 p. 1).

Are most accounting academics and professionals excited when they receive the latest issue of The Accounting Review or an email of the Table of Contents? When I was a doctoral student and later an assistant professor, I looked forward to receiving new issues of top accounting journals. But as my research horizons widened, I found myself less interested in reading a recent issue of an accounting journal than one in a nearby discipline (e.g., Journal of Law and Economics), or even a discipline further away (e.g., Evolution and Human Behavior). Many accountants find little insight into important accounting issues in the top U.S. academic journals, which critics allege focus on arcane issues that interest a narrowing readership (Basu, 2012 p. 851-852).

As academics, we have a responsibility to act as conscience, critic and counselor of society. In fulfilling this public interest responsibility as accounting academics, we are primarily concerned with how accounting, accountants and accountability regimes facilitate more democratic institutions and processes that serve to enhance economic, social and environmental justice (Dillard e Vinnari, 2017 p. 88).

Apesar da importância de começar bem um texto, na verdade são raros os artigos que se iniciam com parágrafos envolventes (Sword, 2009). Em contraste, a autora observou que os cinco modos mais comuns para iniciar um artigo são:

- Declarar a urgência de um tópico, seja por alguma mudança no contexto ou pelo interesse crescente no assunto. Por exemplo: “Recentemente, tem havido um esforço crescente para compreender...”
- Descrever o contexto histórico e/ou organizacional da situação que será analisada. Por exemplo: “O impacto da publicação das informações contábeis das firmas no mercado de capitais tem sido evidenciado desde os estudos seminais de...”
- Citar trechos de outros trabalhos. Exemplo: “Sistemas de controle gerencial compreendem combinações de regras, práticas, valores e outros mecanismos para controle individual e social (Chenhall, 2003)”.
- Descrever o objetivo do artigo, seus aspectos teóricos ou metodológicos. Exemplo: “O presente estudo teve como objetivo compreender, por meio da teoria da identidade social, como os auditores reconstróem sua identidade depois de um evento crítico...”
- Começar com uma declaração abrangente e óbvia, tal como “A escrita é uma atividade central da pesquisa em ciências contábeis.”

É provável que muitos leitores vejam como normal começar um artigo com sentenças semelhantes às apresentadas, e isso mostra o quanto estamos acostumados a ler textos que parecem não terem sido escritos para serem lidos.

5.3 O texto conta uma história

Provavelmente essa é uma das características mais difíceis de serem incorporadas em um texto acadêmico, especialmente um artigo direcionado a um periódico científico. Via de regra, os periódicos impõem uma estrutura padronizada composta por uma sequência de seções: título, resumo, introdução, revisão da literatura, teoria, métodos, resultados, discussão e conclusão (Patriotta, 2017). Entretanto, o autor destaca que, numa perspectiva semiótica, todos os artigos acadêmicos se parecem não apenas em termos de estrutura, mas também pelo fato deles contarem uma história: a busca da solução para um enigma. Assim, artigos científicos usualmente são motivados por uma questão teórica que gera um processo de investigação e produz uma solução, de modo que a resposta à questão original é a contribuição do artigo (Patriotta, 2017).

Nosso desafio então é escrever um artigo usando a nossa criatividade e nosso estilo próprio, mas ao mesmo tempo seguindo a estrutura convencional. Por mais que as convenções nos ajudem, ao fornecem mecanismos de construção de sentido que nos permitem orientar a interpretação do leitor (Patriotta, 2017), seguir estritamente as convenções resulta em textos tediosos e áridos, como os que estamos acostumados a encontrar nos periódicos. Deste modo, precisamos desenvolver estratégias de redação que equilibrem inovação e convenção, desvio e reprodução, surpresa e previsibilidade, em graus variados (Patriotta, 2017). Uma forma de seguir as convenções e ao mesmo tempo acrescentar nossa individualidade é fazer soar no texto a nossa voz, que é uma das características que dá um caráter humano a um texto.

5.4 O autor escreve com uma voz distintiva

O escritor Haruki Murakami (2010) afirma, em seu livro sobre escrita, que o fato dele ser quem é, e não outra pessoa, é um dos seus maiores ativos. Na mesma linha, Zinsser (2006) defende que a mercadoria que ele

tem a oferecer enquanto escritor, não importa o que esteja escrevendo, é a si mesmo. E recomenda: não altere a sua voz para se enquadrar no assunto que está escrevendo; desenvolva uma voz própria de modo que os leitores a reconheçam quando a ouvirem nas suas páginas, uma voz que seja agradável não apenas em sua musicalidade, mas também por evitar tons que a degradem. A voz é a força que move a escrita, é a expressão da autoridade e do interesse do escritor pelo assunto (Murray, 1973/2013).

Certamente não é fácil, depois de tantos anos em que fomos forçados a escrever textos “sem autor”, encontrar nossa voz e fazê-la soar naquilo que escrevemos. Uma das fontes de tensão é que, por um lado, nossa voz aparece mais naturalmente quando escrevemos em primeira pessoa, e por outro, nosso “eu” nem sempre é bem-vindo em um texto (Zinsser, 2006). No Brasil, é muito comum que os estudantes sejam proibidos de escrever em primeira pessoa, desde os seus projetos de iniciação científica até a pós-graduação. Já nos periódicos internacionais publicados em inglês o uso de voz passiva com omissão de sujeito é malvisto, e assim o uso de primeira pessoa é preferido. Entretanto, Sword (2009) observou que os autores de artigos na área de educação usam a primeira pessoa do singular ou do plural de forma impessoal, ou seja, conseguem escrever em primeira pessoa e ainda assim seus textos não apresentam uma voz distintiva. Na visão da autora, muitos cientistas sociais ainda creem que escrever de forma impessoal confere uma imagem de objetividade e superioridade científica aos seus textos.

Uma forma de incorporar nossa presença no texto é escrever o rascunho usando primeira pessoa e depois, na revisão, suprimi-la (Zinsser, 2006). Também podemos adotar uma postura de escrever para nós mesmos e não nos preocuparmos em descobrir o que o leitor quer ouvir, mas sim em descobrir o que temos a dizer e a melhor maneira de dizê-lo (Murray, 1986). O autor reforça o ponto que, embora as convenções de escrita acadêmica frequentemente induzam à produção de textos áridos, a maior parte dos editores de periódicos quer receber textos bem escritos.

Podemos buscar alcançar a elegância na escrita usando a audição para escrever. Ouvir a própria voz no texto é o que faz a maior parte dos escritores continuarem escrevendo, é o elemento que adiciona significados além das palavras, que permite à pessoa do escritor se comunicar com a pessoa do leitor (Murray, 1986). Quando lemos um texto marcado pela voz do escritor é muito mais provável que tenhamos a sensação de estarmos conversando com alguém, ao invés de nos sentirmos assistindo uma palestra centrada em slides tediosos, pois é a voz do escritor que transmite paixão, comprometimento pessoal e engajamento com o assunto (Sword, 2009).

A mensagem central que quero deixar aqui é que não precisamos comprometer a qualidade da nossa redação *a priori*, só porque estamos acostumados a ler textos sem vida nos periódicos que consultamos. Nós podemos e devemos ousar. Especialmente nas primeiras versões dos nossos textos, precisamos amordaçar nosso censor interno para podermos ser nós mesmos naquilo que escrevemos. Mesmo porque, um texto nunca fica pronto na primeira versão. Sempre haverá inúmeras rodadas de revisão, nas quais poderemos polir o nosso texto e retirar eventuais excessos.

6 REVISÃO

De todos os mitos que envolvem a escrita acadêmica, um dos mais persistentes é a crença de que alguns autores escrevem facilmente, que os textos saem naturalmente da ponta dos seus dedos (Sword, 2017). Porém, escrever um texto é um trabalho artesanal, que requer muito esforço ao longo de dezenas de rodadas de revisão. Na prática, a produção de um único texto acadêmico de alta qualidade pode levar dois ou três anos, ou até mais.

Assim, por mais trabalhoso que seja a produção da primeira versão de um texto, finalizá-la sinaliza que o trabalho de escrever está apenas começando (Murray, 1973/2013). A maior parte do trabalho vem depois, e consiste em eliminar de cada sentença tudo o que for desnecessário, até ficarem apenas os componentes essenciais para a mensagem. E esse raciocínio é válido não apenas no nível das sentenças, mas também no documento como um todo. O escritor deve constantemente se perguntar “o que eu estou tentando dizer?”, e então ler o que escreveu e avaliar se conseguir realmente dizer o que queria, e tentar se colocar no lugar de um leitor que encontra o texto pela primeira vez (Zinsser, 2006).

Usualmente gasta-se muito mais tempo na revisão do que na produção da primeira versão do texto. Eu costumo revisar um texto pelo menos 20 vezes até que considere que ele está pronto para ser lido por outra pessoa. Algo que Murray (1973/2013) documenta ser comum é que, quando estamos chegando na versão final, provavelmente teremos revisado a parte inicial do texto muitas dezenas de vezes. Frequentemente são apenas detalhes, como o rearranjo da ordem das palavras, a colocação de vírgulas, distribuição das sentenças, entre outras coisas, buscando sempre o máximo de clareza e coerência. Nessa busca, um dos elementos centrais é a unidade, pois ela impede que o leitor se disperse e se perca no caminho (Zinsser, 2006). Assim, devemos ficar atentos às escolhas que fazemos durante a construção dos nossos textos, buscando manter a coesão entre os elementos. A

unidade se manifesta nas seguintes escolhas (Zinsser, 2006):

- Pronomes: escrever em primeira pessoa como participante, ou terceira pessoa como observador.
- Tempo verbal: escrever no passado ou no presente.
- Modo: adotar um tom casual ou formal.

Qualquer escolha é aceitável, desde que não haja alternância entre elas (Zinsser, 2006). Entre as várias excelentes sugestões pelo autor em relação à unidade do texto, uma das que eu reputo ser das mais importantes é a unidade de argumento. Todo texto de não ficção de alta qualidade deve apresentar ao leitor um, e apenas um pensamento provocativo que ele não havia tido antes (Zinsser, 2006). E assim cabe a nós descobrir, em cada texto que escrevemos, qual é a ideia nova que queremos deixar na mente dos nossos leitores. Uma vez que tenhamos descoberto essa ideia, será muito mais fácil decidir se vamos escrever em primeira ou terceira pessoa, no passado ou no presente, em tom mais formal ou informal (Zinsser, 2006).

Uma das maiores dificuldades que observei que os alunos de pós-graduação enfrentam na revisão de seus manuscritos é conseguir ler o próprio texto como um leitor, como alguém que não o escreveu. A questão é que precisamos desenvolver esse tipo especial de habilidade de leitura se quisermos ser capazes de revisar nosso texto tantas vezes quanto necessário, de modo a torná-lo cada vez mais informativo e claro (Murray, 1973/2013). Nós só poderemos contar com as críticas e contribuições de outros leitores quando o texto estiver suficientemente desenvolvido. Praticamente todo o trabalho de revisão, toda a reflexão a respeito das mudanças que precisam ser feitas no texto, precisa ser feita por nós mesmos (Murray, 1973/2013).

Precisamos conseguir ler nosso próprio texto de forma crítica e ao mesmo tempo construtiva, cortando as partes ruins e preservando o que está bom (Murray, 1973/2013). Para isso, entender como escritores e escritoras experientes trabalham pode nos ajudar a aperfeiçoar nossas habilidades de revisão dos nossos textos. Murray (1973/2013) observou que bons escritores e escritoras:

- Primeiro, escaneiam o documento visando encontrar grandes problemas relacionados ao conteúdo e à forma. Conforme eles resolvem esses problemas, começam a fazer leituras cada vez mais detalhadas enquanto reescrevem;

- A seguir, avaliam a quantidade de informação apresentada no texto, assim como o grau de especificidade, a precisão e o potencial interesse que as informações podem despertar no leitor. Nesta etapa é importante identificar os questionamentos que um leitor faria em relação aos argumentos apresentados, de modo que o texto deve abordar implícita ou explicitamente tais questionamentos e respondê-los;

- A próxima etapa é a análise da estrutura do texto, da ordem em que os assuntos são apresentados. Um texto bem escrito apresenta solidez tanto em termos de argumento quanto de narrativa. Alguns escritores elaboram uma estrutura de tópicos que os ajuda a visualizar a sequência de assuntos que compõem o texto. Nesta etapa escritores e escritoras experientes avaliam o grau de desenvolvimento de cada seção, assim como o seu tamanho relativo ao texto como um todo;

- Finalmente, a questão da voz. Bons escritores e escritoras se asseguram que ouvem a sua voz no próprio texto, pois um texto bem escrito é sempre caracterizado por uma voz consistente e única.

Deste modo, a revisão começa com uma visão geral do texto e se aprofunda até o ponto em que o escritor ou escritora se dedica à edição linha por linha, prestando atenção nas sentenças, nas palavras e na pontuação (Murray 1973/2013). Nesse processo, o escritor-leitor muda uma palavra e volta seu olhar para a sentença, depois para o parágrafo, sempre buscando variedade e equilíbrio, firmeza estrutural, coerência, unidade e ênfase, tudo o que for necessário para dar clareza à mensagem que quer transmitir (Murray 1973/2013).

O escritor e a escritora que conseguem revisar o próprio texto o fazem porque são capazes de se dividir em dois (Murray, 1982). O autor explica que, enquanto um escreve, o outro lê, mas o faz de uma maneira mais sofisticada que uma leitura comum, pois o “eu” leitor monitora a escrita antes dela acontecer, enquanto está acontecendo e depois que ela ocorre. Esse monitoramento envolve identificar oportunidades de mudança enquanto o próprio texto está sendo escrito e, quando uma mudança é realizada, o texto é lido novamente para avaliar o resultado (Murray, 1982).

O escritor, na revisão, lê fragmentos de texto e lê o texto todo; lê o que está na página e o que não está, vê o que pode ser excluído e o que está faltando (Murray, 1982). Como podemos perceber, trata-se de um conjunto de habilidades de leitura diferentes das que aplicamos quando não estamos escrevendo, pois envolvem (Murray, 1982):

- Enquanto o eu-escritor escreve, o eu-leitor registra a evolução do texto;
- Conforme o texto é modificado pelo eu-escritor, que adiciona, corta, e reorganiza, o eu-leitor mantém o registro de como cada mudança afeta o texto;
- O eu-leitor registra em sua memória os problemas enfrentados, as soluções já tentadas e rejeitadas, as ainda não tentadas e aquelas que estão em operação no momento;
- O eu-leitor está continuamente avaliando se o texto como um todo “funciona”;
- O eu-leitor também encoraja, apoia, e reconhece os progressos feitos.

Fica evidente que a revisão é um processo demorado, minucioso e exaustivo. Muito frequentemente, depois de revisar cada pequeno detalhe do nosso texto, ainda restará a dúvida: quando ele está pronto? Quando ele está bom o suficiente para ser submetido ao crivo de um leitor qualificado? Bem, a esse respeito precisamos aceitar o fato de que um texto nunca fica pronto. Nós o entregamos no prazo, com um misto de sensações de realização, frustração, orgulho e vergonha (Murray, 1982). E, se não tivermos prazo, chega um momento em que simplesmente precisamos abandonar a revisão, com a confiança que demos o nosso melhor. Devemos permitir que nosso texto seja lido por outras pessoas. Mas só devemos fazer isso quando estivermos certos de que fomos capazes de valorizar o tempo do nosso leitor, pois investimos incontáveis horas trabalhando nos mínimos detalhes do nosso texto.

6 CONCLUSÃO

Escrever é uma atividade que representa uma parte muito significativa da nossa formação, e cujo peso e importância aumentam gradativamente conforme avançamos na carreira acadêmica. Da graduação para o mestrado, depois para o doutorado, e já como professores universitários e pesquisadores, o nível de expectativa e exigência sobre nossa produção intelectual só aumenta. A pressão por preencher nosso currículo com publicações pode nos levar a confundir publicar com escrever. Pode também nos levar a acreditar que publicar é a mesma coisa que escrever.

Espero que, neste ensaio, eu tenha sido capaz de deixar clara a distinção entre as duas atividades. Se escrever é uma das atividades mais importantes da nossa atuação profissional, e é a forma como comunicamos os resultados de anos de nossos esforços de pesquisa, faz sentido continuar escrevendo textos nos quais não aparecemos, textos sem voz? A imensa maioria dos artigos científicos que lemos não tem um caráter distintivo na sua redação. Mas a escrita acadêmica pode ser diferente do padrão que atualmente predomina. Ao longo da minha carreira eu frequentemente me surpreendi lendo artigos de periódicos muito agradáveis, em cujos textos eu ouvia claramente a voz distintiva do autor. E eu sempre admirei essa capacidade, até então tida por mim como algo intangível, talvez inalcançável, uma superioridade inata daqueles escritores e escritoras. Até que encontrei os autores e autoras citados neste ensaio, e acredito, talvez com otimismo exagerado, que eles e elas me ajudaram a entender e sistematizar um pouco melhor o conhecimento e a prática da produção de textos acessíveis, agradáveis, humanos e, ainda assim, acadêmicos.

"Don't mistake people with a lot of publications for people with a lot of good ideas. Our aim is to write up what we're passionate about while still having a life." (Silvia, 2019 p. 8)

REFERÊNCIAS

- Badley, G. F. (2015). Playful and serious adventures in academic writing. *Qualitative Inquiry*, 21(8), 711–719.
- Badley, G. F. (2016). Composing academic identities: Stories that matter? *Qualitative Inquiry*, 22(5), 377–385.
- Badley, G. F. (2019). Post-academic writing: Human writing for human readers. *Qualitative Inquiry*, 25(2), 180–191.
- Badley, G. F. (2020). Why and how academics write. *Qualitative Inquiry*, 26(3-4), 247–256.
- Baldvinsdottir, G., Mitchell, F., & Nørreklit, H. (2010). Issues in the relationship between theory and practice in management accounting. *Management Accounting Research*, 21(2), 79–82.
- Billig, M. (2013). *Learn to write badly: How to succeed in the social sciences*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- de Villiers, C., & Dumay, J. (2014). Writing an article for a refereed accounting journal. *Pacific Accounting Review*, 26(3), 324-350.
- Dillard, J., & Vinnari, E. (2017). A case study of critique: Critical perspectives on critical accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 88-109.
- Hermanson, D. R. (2015). "Model 2"—A personal journey in pursuit of creativity and impact. *Critical Perspectives on Accounting*, 26, 130-140.
- Marinetto, M. (2018). Fast food research in the era of unplanned obsolescence. *Journal of Management Studies*, 55(6), 1014-1020.
- Murakami, H. (2010). *Do que eu falo quando falo de corrida*. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil.
- Murray, D. M. (1969). Finding your own voice: Teaching composition in an age of dissent. *College Composition and Communication*, 20(2), 118-123.
- Murray, D. M. (1978). Write before writing. *College Composition and Communication*, 29(4), 375-381.
- Murray, D. M. (1982). Teaching the other self: The writer's first reader. *College Composition and Communication*, 33(2), 140-147.
- Murray, D. M. (1984). Writing and teaching for surprise. *College English*, 46(1), 1-7.
- Murray, D. M. (1986). One writer's secrets. *College Composition and Communication*, 37(2), 146-153.
- Murray, D.M. (2013) *The craft of revision, Fifth Anniversary Edition*. United States: Wadsworth. Cengage Learning, 2013.
- Murray, D. M. (2013) The Maker's Eye: Revising Your Own Manuscripts. In: *Language Awareness: Readings for College Writers*. Ed. Paul Eschholz, Alfred Rosa, and Virginia Clark. Boston: Bedford/St. Martin's, 2013. 194-98. (Originally published in Writer, 1973).
- Patriotta, G. (2017). Crafting Papers for Publication: Novelty and Convention in Academic Writing. *Journal of Management Studies*, 54(5), 747-759.
- Silvia, P. J. (2019). *How to write a lot: A practical guide to productive academic writing*, 2nd Ed. American Psychological Association.
- Sword, H. (2009). Writing higher education differently: A manifest on style. *Studies in Higher Education*, 34(3), 319-336.
- Sword, H. (2012). *Stylish academic writing*. Harvard University Press.
- Sword, H. (2017). *Air & light & time & space: How successful academics write*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Zinsser, W. (2006). *On writing well*. New York, NY: HarperCollins.

Como citar este artigo

Pagliarussi, M. S. (2022). Precisamos escrever diferente. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 16:e191894. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-6486.rco.2022.191894>